

Jornalismo não se aprende no Sindicato

RENATO RIELLA
Secretário de Redação

OSindicato dos Jornalistas do DF é ruim de lead. Ou melhor, é péssimo de jornalismo (para os leigos, lead é o extrato da informação, é a notícia na sua forma mais objetiva).

Mas o Sindicato desconhece as normas mais elementares da arte de informar, ao divulgar uma "nota à população", como matéria paga (saiu na edição do Eleições-86 de ontem), denunciando "a força do poder econômico, refletida de forma contundente nas páginas dos jornais locais".

Onde, quando, como, por quê, quem?

O Sindicato aprendeu jornalismo na CUT ou na CGT? Faz notas oficiais a partir de que manual? ou recebe estas notas prontas de alguma matriz sindicato-partidária?

O caderno Eleições-86, que o CORREIO edita desde setembro, é um projeto amadurecido com dificuldade, sob todo tipo de pressões: políticas, econômicas, judiciais, sentimentais e até físicas. Físicas, sim, pois há candidatos completamente despreparados que chegam com currículos garantidos - e às vezes a gente é obrigado a publicar alguma coisa desse material sem interesse só para diminuir a pressão.

Na sexta-feira passada, um redator contou, até às 20h, a passagem de 40 candidatos pela nossa redação. De todos os partidos. De todas as raças. De todas as ideologias e até sem nenhum traço ideológico. Quantos têm ido ao Sindicato?

Há uma questão básica: que o nosso Sindicato deveria saber: a quantidade

de candidatos, artificialmente proporcionada pela efusão democrática, impede qualquer jornal de fazer uma cobertura equânime e completa. Não dá para acompanhar 250 políticos. A propósito, será que o Jornal do Brasil, o Estadão, a Folha e outros grandes jornais estão sendo imparciais?

Além do mais, tudo — política, futebol, carnaval, polícia, economia, arte — é coberto seletivamente pela imprensa, desde que circulou o primeiro jornal do mundo. O Ministério da Ciência e Tecnologia não merece o mesmo espaço que o Ministério da Fazenda. O Flamengo engole o Bangu diariamente nos jornais. Gal Costa é mais importante do que Fafá de Belém. E não são os jornalistas que querem assim. É a regra do mercado.

Na eleição de Brasília não pode ser diferente. O CORREIO tem pouca culpa se o PMDB e o PFL vão arrebatar todas — ou quase todas as cadeiras em disputa. Tem menos culpa ainda se estes dois partidos arrebataram quase todo o horário de propaganda eleitoral. E menos ainda se estiveram à frente das principais pesquisas feitas pelo Ibope e LPM. São distorções sociais, são preferências populares. Ou será que o Sindicato concorda com Pelé - e o povo não sabe mesmo votar?

Não sei se o nosso Sindicato recebe jornais de outros estados. Será que leram o JB se redimindo depois de caluniar Gabeira? Será que viram o Partido Humanista esquecido da imprensa paulista? Não dá para esquecer

que, na Bahia, a cobertura jornalística é Waldir ou Josaphat. O resto é o zero.

No caderno Eleições-86, com todas as suas limitações, as coisas ainda podem ser diferentes. Não sei se o Sindicato tentou comparar o nosso trabalho com o apresentado pela imprensa do resto do País. Brasília, através do CORREIO BRAZILIENSE, é uma das poucas cidades em que a cobertura das eleições está sendo feita num plano horizontal, dando-se amplo espaço para candidatos pequenos e grandes. Em Recife, Fortaleza, São Paulo, Rio e outros centros, a cobertura fica centrada na eleição do governador - e só mesmo um ou outro "amigo da casa" consegue dar algum recado. Aqui, inclusive pelo fato de ainda não elegermos governador, até o despretensioso Simplicio da Simplicidade já mereceu um competente perfil, com longa entrevista.

Abrimos espaço para o povão falar. Expusemos candidatos muito ligados ao CORREIO (Meira, Rose e Alvaro), a críticas fortes, dramáticas, dos rodoviários. Só não conseguimos fazer alguns candidatos aprenderem a trabalhar. São amadores demais.

Num domingo à noite, tive discussão áspera com um candidato do PT de ótimas idéias, que nem conhecia antes. Chama-se Edson Cardoso, o jovem político, líder de movimento negro na cidade. Tentei mostrar a ele que o PT é um partido de ideologia firme, de presença marcante e certo charme, mas completamente

desestruturado. Perguntei: "Em algum momento você já nos enviou material jornalístico de divulgação?" Nunca. Feitas as pazes, cordialmente, publicamos uma longa entrevista dele, muito interessante. Nos dias seguintes, a mesma rotina: Edson Cardoso saiu do noticiário porque não teve interesse em alimentá-lo. Em compensação, Chico Vigilante, do mesmo partido, saiu bastante nos jornais, porque é esperto e comunicativo.

Há outra verdade: os candidatos melhor assessorados têm maiores chances de sair na imprensa. Esta é a questão básica que o Sindicato deveria entender e explicar. Seria o caso de obrigar o TRE a implantar, numa próxima eleição, uma assessoria de imprensa centralizada para divulgar todos os candidatos? Nesse caso, funcionaria como uma EBN eleitoral, que despejaria laudas e laudas nas redações...

Provavelmente esta solução é absurda. O que vale é a regra do mercado. Vencem os que trabalharam melhor. Como se diz no futebol: quem pede, recebe; quem se desloca, tem preferência.

Nas eleições, quem tem competência se estabelece. Ou então faz como o professor Lauro Campos, do PT: Na nossa redação, um dos votos mais certos que ele tinha era da repórter Ilara Viotti (será que ainda tem, Ilara?) Há uma semana, a repórter foi pautada para entrevistar oito dos principais candidatos ao Senado. Conversou com Lauro Campos, com toda a se-

riedade. Depois, foi surpreendida com a exigência: "Preciso ver a matéria antes de ser publicada". Isto não se faz professor! Qualquer entendido em comunicação (até mesmo o pessoal do Sindicato) lhe diria isso, se o candidato pedisse orientação especializada. Ilara recusou-se a atendê-lo, mostrando a des cortesia de que estava sendo vítima. E disse com inocência e idealismo: — Mas professor, eu sou sua eleitora!

A entrevista saiu. Nem Lauro Campos, nem os outros candidatos entrevistados reclamaram, porque existe uma coisa chamada senso profissional em jogo quando um repórter procura uma fonte.

Se o Sindicato denunciou "os noticiários claramente tendenciosos, que prejudicam a escolha dos candidatos compromissados com o avanço democrático do Brasil", deve ir um pouco mais longe. Que tenha, portanto, a dignidade de dar nomes aos bois (para usar uma figura da moda).

P.S. Em jornalismo, o sujeito nunca está oculto (a não ser se for mal intencionado). Se não dou nome aos bois do Sindicato, porém, é porque eles permanecem escondidos atrás da assinatura de "A Diretoria". Mas faço um desafio a esta vaga figura mitológica chamada Sindicato: instale logo uma Comissão de Ética para resolver os casos de abuso da profissão sob um ângulo legal, oficial, técnico. E vamos parar de brincar de sindicato.